

narrativas de uma extensão sentipensante: os caminhos de encruzilhada não se resolvem no ar

narratives of a “sentipensante” extension: crossroads paths are not resolved in the air

narrativas de una extensión sentipensante: los caminos de la encrucijada no se resuelven en el aire

ricardo tammela¹ – gleicielly zopelaro braga²

resumo

Este artigo integra uma sequência de narrativas que compõem a trama de uma extensão universitária sentipensante, construída a partir de caminhadas, encontros e afetamentos em um território popular da cidade de Petrópolis/RJ. Tomando a encruzilhada como categoria da experiência, refletimos sobre o compromisso ético que emerge do encontro com o território, compreendido como espaço vivo, atravessado por histórias, afetos e relações. A encruzilhada não aparece como lugar de decisão imediata, mas como espaço de suspensão, escuta e amadurecimento do gesto extensionista. O texto apresenta a metodologia da extensão sentipensante como um modo de caminhar, escutar e estar no território, em que sentir e pensar se entrelaçam na produção do conhecimento. Pensamos a noção de cartografia do encontro, entendida como um mapeamento sensível tecido pelos afetos, pelos gestos cotidianos e pelos acontecimentos que insistem em acontecer. Caminhar, nessa perspectiva, é se deixar afetar, permitindo que o território atravesse o corpo e desorganize certezas. Entre impor e paralisar, habitamos a fresta ética na qual presença, cuidado e responsabilidade se transformam em ação política. A extensão sentipensante se afirma, assim, como travessia metodológica, prática formativa e compromisso com a vida que resiste.

Palavras-chave: Extensão sentipensante. Metodologia extensionista. Território. Extensão universitária. Bioética na extensão.

abstract

This article is part of a sequence of narratives that compose the fabric of a “sentipensante” university outreach, built through walks, encounters, and affective experiences in a working-class territory in the town of Petrópolis, state of Rio de Janeiro, Brazil. Taking the crossroads as a category of experience, we reflect on the ethical commitment that emerges from the encounter with the territory, understood as a living space traversed by histories, affections, and relationships. The crossroads does not appear as a place of immediate decision, but as a space of suspension, listening, and maturation of the extensionist gesture. The text presents the

¹ Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil; arte-educador, extensionista e pesquisador dos cotidianos; coordenador da área de Projetos e Extensão do Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto, Rio de Janeiro, Brasil / Master’s degree in Education, Catholic University of Petrópolis, State of Rio de Janeiro, Brazil; art educator, extension worker, and researcher of everyday life; coordinator of the Projects and Extension area of the Arthur Sá Earp Neto University Center, State of Rio de Janeiro, Brazil (ricardo.tammela@gmail.com).

² Doutoranda em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva na Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil; psicóloga, extensionista e pesquisadora de caminhos decoloniais; professora no Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto, Rio de Janeiro, Brasil / PhD candidate in Bioethics, Applied Ethics, and Public Health, Oswaldo Cruz Foundation, State of Rio de Janeiro, Brazil; psychologist, extensionist, and researcher of decolonial paths; professor at the Arthur Sá Earp Neto University Center, State of Rio de Janeiro, Brazil (gleici_braga@hotmail.com).

methodology of “sentipensante” outreach as a way of walking, listening, and being in the territory, in which feeling and thinking are intertwined in the production of knowledge. We reflect on the notion of cartography of encounter, understood as a sensitive mapping woven by affections, everyday gestures, and events that insist on happening. Walking, from this perspective, means allowing oneself to be affected, letting the territory to cross the body and disrupt certainties. Between imposing and paralyzing, we inhabit the ethical fissure in which presence, care, and responsibility become political action. “Sentipensante” outreach thus affirms itself as a methodological crossing, a formative practice, and a commitment to life that resists.

Keywords: “Sentipensante” extension. Extensionist methodology. Territory. University outreach. Bioethics in outreach.

resumen

Este artículo forma parte de una secuencia de narrativas que componen la trama de una extensión universitaria sentipensante, construida a partir de caminatas, encuentros y afectos en un territorio popular de la ciudad de Petrópolis, estado de Rio de Janeiro, Brasil. Al tomar la encrucijada como categoría de la experiencia, reflexionamos sobre el compromiso ético que emerge del encuentro con el territorio, comprendido como un espacio vivo, atravesado por historias, afectos y relaciones. La encrucijada no aparece como un lugar de decisión inmediata, sino como un espacio de suspensión, escucha y maduración del gesto extensionista. El texto presenta la metodología de la extensión sentipensante como un modo de caminar, escuchar y estar en el territorio, en el que sentir y pensar se entrelazan en la producción del conocimiento. Proponemos pensar la noción de cartografía del encuentro, entendida como un mapeo sensible tejido por los afectos, los gestos cotidianos y los acontecimientos que insisten en suceder. Caminar, desde esta perspectiva, es dejarse afectar, permitiendo que el territorio atravesase el cuerpo y desorganice certezas. Entre imponer y paralizar, habitamos la fisura ética donde la presencia, el cuidado y la responsabilidad se transforman en acción política. La extensión sentipensante se afirma así como una travesía metodológica, una práctica formativa y un compromiso con la vida que resiste.

Palabras clave: Extensión sentipensante. Metodología extensionista. Territorio. Extensión universitaria. Bioética en la extensión.

abrenuncio³

Fomos alinhando a agenda no caminho para o Vale do Carangola. Comentamos de conversar com Angela e depois visitar o Tio Chico, que fazia tempo que não o visitávamos... Tio Chico é um homem de 94 anos, que mora na comunidade desde que tudo lá ainda pertencia a um alemão que foi preso pela polícia de Getúlio Vargas, logo depois da 2ª Guerra Mundial... acusaram ele de espionagem.

No caminho para o Vale do Carangola, passamos por um ônibus envolvido em um acidente com uma moto. Ninguém se machucou, mas o acidente aconteceu em uma curva que dificultava a passagem de outros veículos grandes, apenas carros e motos conseguiam passar.

³ Expressão utilizada por Guimarães Rosa no livro *Grande sertão: veredas* (2015).

Quando chegamos ao Vale do Carangola, Angela já nos esperava na rua e nos perguntou o que havia acontecido que os ônibus estavam todos atrasados. Quando passamos, havia três ônibus parados, o que provocou o acidente e outros dois que não conseguiam passar. Relatamos para Angela o que vimos e ela nos pediu para levá-la no local do acidente, porque ela precisava resolver isso.

Fomos com ela, levamos Angela lá. No caminho, ia pedindo para parar e dizia para as gentes que encontrava nas ruas ou nos pontos de ônibus, que havia tido um acidente, mas que ela estava indo lá para ver e resolver, liberar os ônibus porque a comunidade não podia ficar sem transporte.

Quando chegamos, Angela conhecia as pessoas envolvidas: o motorista do ônibus, que foi o responsável pelo acidente, o motociclista e sua namorada, que já estavam recebendo atendimento médico. Angela foi conversando com um, conversando com outro, dizendo ao motorista que ele estava errado, conversando com o Corpo de Bombeiros que estava no local para fazer o primeiro atendimento, e a perícia. Depois de muita conversa e Angela se movimentando, o ônibus deixou o local do acidente e o trânsito para os outros veículos passarem foi liberado. Retornamos com Angela para o Vale do Carangola e, no caminho, ela ia dizendo para suas gentes que já havia resolvido e que os ônibus estavam liberados (tammela [Diário de Sentimentos de Campo] Petrópolis, 2025, n. p. [no prelo]).

Tem muita boniteza na movimentação de Angela⁴, e me lembrou o dia em que, em uma conversa na beira da rua ou em sua cozinha, ela me disse: “a minha comunidade eu sempre vou defender” (tammela, 2023, p. 15). Caô Cabiessi!⁵ Vejo *Xangô* se movimentando nos passos e gestos de Angela, o equilíbrio entre firmeza e justiça, o gesto certo que corta a mentira, a palavra que não foge do conflito, a proteção que nasce do cuidado com o coletivo. *Xangô* age no território, nas comunidades, nas assembleias, nos conselhos, nos quintais onde se disputa dignidade. É essa energia que transborda de Angela, uma mulher preta, forte, enraizada na luta, encarnando uma justiça que é ancestral e contemporânea ao mesmo tempo... quando ela nos chama para ajudar uma mãe que tem um filho de cinco anos, diabético, e encontra dificuldades de acolhimento na creche em que ele estuda... quando ela nos pede para levá-la onde teve um acidente de um ônibus com um motociclista que mora na comunidade e que, por causa do acidente, os ônibus que precisam passar pela comunidade estão atrasados... quando ela se mobiliza para envolver o Poder Público em uma servidão que caiu e que estão caindo em algumas casas, e as pessoas que moram ali estão com suas vidas caídas, em situação de vulnerabilidade.

⁴ Angela é uma liderança comunitária do Vale do Carangola/RJ. Atualmente, é presidenta da Associação de Moradores, cuja eleição aconteceu em 2025.

⁵ Saudação à *Xangô* (Prandi, 2025).

O que observo não é só atuação comunitária, é um modo de existir que carrega o *Ori* de *Xangô* na carne da vida cotidiana. Porque *Xangô* não é somente o Orixá da justiça em abstrato, ele é aquele que se levanta quando alguém está sendo prejudicado, aquele que não tolera descaso, aquele que vai até onde for preciso para restaurar equilíbrio.

Xangô é isso: justiça que não espera amanhã.

Xangô enxerga as tramas que conectam as dores.

E Angela não faz isso por cargo, por mandato, por obrigação, mas porque carrega dentro dela um fogo que não permite virar o rosto. Por isso vejo *Xangô*, porque há algo na força dela que não é apenas força humana, é ancestralidade em movimento, é justiça que anda com os pés do povo, com os pés das classes populares, com os pés das suas gentes.

Na experiência de observar Angela em movimento, em luta... me distancio para ad-mirar⁶. Me distancio para me aproximar, para compreender, para aprender. “[A]o querer conhecer, admiramos” (Escobar, 2019, p. 26). Ao ad-mirar, reconheço a história que nos atravessa – os caminhos e oportunidades desiguais, os privilégios, as responsabilidades de quem observa. Situo meu corpo no mundo e compreendo meu compromisso, um compromisso que Fals Borda (2015) vai chamar de vínculo ético, que nasce do lugar que ocupamos e da escolha de não permanecermos neutros, alheios, alienados.

Ao observar Angela, escuto um chamado em reparação, um chamado para me colocar ao lado, para usar meu acesso, minha circulação institucional, meu capital simbólico como ponte, não como poder.

Vivemos com Angela, um encontro de encruzilhadas: o Axé de *Xangô* nela encontra nas extensionistas alguém que pode ampliar o alcance, abrir portas, quebrar paredes. É nosso dever histórico, é responsabilidade afetiva, é aliança.

Angela luta pela sua comunidade com a força de séculos de resistência. Na extensão sentipensante, ao sentir esse dever histórico, honramos o caminho dela.

E o desassossego vai se fazendo encruzilhada, “o irremediável extenso da vida” (Rosa, 2015, p. 36).

Era uma luz, um clarão
Um insight num blecaute
Éramos nós sem ação
Como quem vai a nocaute.
(Chico César, 2002, n.p.)

⁶ Para Paulo Freire, “ad-mirar é olhar em direção a algum lugar, dirigir o olhar para algo, direcioná-lo. [...] [A]o querer conhecer, admiramos” (Escobar, 2019, p. 26)

A experiência da encruzilhada nos leva a um lugar que, às vezes, não sabemos como seguir, um lugar que não conseguimos sentir o caminho, e isso não é estar perdida. A encruzilhada não é um lugar de escolha imediata. É um lugar de suspensão, de escuta, de corpo em alerta. Ela não exige pressa – exige presença. O nosso desassossego não nos pede uma resposta racional, estratégica, pronta. Ele nos diz que o nosso modo de fazer, de estar, de se implicar, precisa mudar de forma, mas ainda não encontrou linguagem. Isso é muito comum quando a vida coloca a gente diante de verdades que mexem na estrutura. E aí, a gente caminha devagarinho, circular, no tempo de *Iroko... ÈRÒ!*⁷, para que nós, extensionistas, possamos sentir o que ainda não se deixou dizer.

A encruzilhada não é um lugar de falta – é um lugar de potência. Angela nos mostra um modo de agir que toca o nosso lugar de privilégio, de responsabilidade, de compromisso ético. E quando algo assim acontece, o caminho antigo já não serve mais e o novo ainda não se mostrou. Isso não é confusão. É o início de uma mudança profunda.

E, talvez, o “outro jeito de fazer” não seja uma técnica, mas uma postura. Às vezes, pensamos que precisamos de uma nova ação, uma nova estratégia, um novo projeto. Mas o que a encruzilhada pede é mais sutil: *mudar de lugar dentro de nós mesmos, ajustar o corpo para escutar de outro modo, decidir como queremos caminhar ao lado – não à frente e nem atrás.*

O “como fazer” pode vir depois. O que precisa amadurecer primeiro é o de onde a gente faz. A reparação não é um gesto grandioso. Ela é feita de pequenos deslocamentos: *deixar que Angela e o território definam prioridades; nos reconhecer como ponte, não protagonista; usar nossa circulação institucional para abrir caminhos que não são nossos; permitir que a experiência dela nos ensine outros modos de saber.*

Às vezes, o novo caminho não nasce de fazer mais, mas de fazer desde outro lugar.

Às vezes, nesse caminho, nos encontramos com o medo de ocupar demais e caminhar na linha entre o impor o que pensamos e o ficar paralisado esperando algo acontecer, é caminhar na fresta de um espaço sensível, tênue... é caminhar com responsabilidade em um território que não é nosso de origem.

Caminhar à deriva na região delicada onde tudo acontece: a fresta.

Essa fresta – entre impor e paralisar – é o espaço próprio da ética sentipensante. É nela que se aprende a caminhar sem tomar o lugar de ninguém e sem se omitir.

⁷ Saudação à Iroko.

O medo de ocupar demais é um sinal de que estamos atentas, não um impedimento. Quem não tem consciência histórica, entra em uma comunidade como se fosse dono. Quem tem consciência demais, às vezes fica imobilizado, com medo de atravessar uma linha.

Na extensão sentipensante, caminhamos no meio – exatamente no ponto onde a escuta se transforma em gesto, e o gesto não rompe a escuta.

Esse medo não diz “não faça”. Diz: faça com cuidado. Diz: proteja o espaço de Angela, mas não abandone o seu.

A fresta é um lugar de composição, não de escolha binária. Não é: ou impor ou paralisar.

É algo que vive entre: *oferecer sem ocupar, apoiar sem dirigir, usar seu privilégio sem se tornar protagonista, estar disponível sem se colocar como salvadora.*

É uma dança fina, um Axé que se aprende com o corpo, não com a teoria. Na extensão sentipensante, estamos dentro dela. O desassossego é prova disso.

Na extensão sentipensante, não temos medo de errar, pois entendemos que: *errar faz parte do encontro, a relação se sustenta em confiança, quem age com respeito sempre pode ajustar o passo, e que o erro só existe quando há indiferença, não quando há implicação.*

Angela sabe ler isso. E isso sustenta a caminhada.

Talvez, a pergunta agora não seja “o que fazer?”, mas “como estar?”. Antes do gesto, vem o modo de se colocar: *com humildade, com presença, com disposição para aprender com Angela, com coragem de ofertar recursos, caminhos e acessos, sem decidir por ela, com o entendimento de que alianças verdadeiras não substituem ninguém – potencializam.*

O caminho pode ser simples: *perguntar mais do que propor, oferecer mais do que conduzir, estar mais do que aparecer.*

Nos colocarmos ao lado de Angela e não no lugar dela, é gesto pequeno, imperceptível. “Estar”, é presença, é escutar suas histórias, suas tristezas, suas alegrias, é escutar as questões que ela traz, as lutas que ela aponta, os sentimentos que transbordam dela... de sua fala, de seus movimentos, de seus gestos, seus olhares, de sua expressão... estar ao lado de Angela é o gesto exato da reparação ética: a presença que escuta.

Não é pouca coisa. É, na verdade, o centro do que sustenta qualquer aliança verdadeira entre mundos atravessados por desigualdades históricas.

O “estar” é um gesto político, espiritual e afetivo. Quando falamos que o caminho que o nosso corpo indica é “estar”, estamos dizendo: *não fugir da relação, não ocupar demais, não se retirar por medo, não agir antes de escutar, não tornar invisível a dor ou a força dela, não transformar a luta dela em objeto do nosso projeto.*

“Estar” é descer do lugar de representante institucional e entrar no lugar humano, relacional, ancestral da encruzilhada.

A escuta acontece com o corpo inteiro. Escutar histórias, desassossegos, lutas, sentimentos, gestos, olhares, movimentos.

Isso é escuta sentipensante, não é escuta técnica. É a escuta que reconhece a inteireza da pessoa, que honra o Axé dela, que lê nas entrelinhas, que se afeta pelo que acontece no território e no espírito. Essa escuta não ocupa demais, como também não se ausenta. Ela é o ponto exato da fresta que buscamos na extensão sentipensante.

Na tradição afrodescendente, presença é oferenda. Nos terreiros, quando alguém diz: “Fulano está presente”, não é só físico – é energético. É alguém que se coloca com *respeito, silêncio interior, cuidado, Axé, disponibilidade*.

Talvez seja por isso que vejo *Xangô* em Angela: porque ela está sempre presente na luta da sua gente. E sinto que minha forma de caminhar ao lado dela também passa por isso. A presença é uma forma de “dar passagem” sem se colocar à frente.

A presença na encruzilhada é um modo de estar que legitima a voz de Angela e sustenta a luta dela sem roubar o protagonismo.

O resto – caminhos, ações, articulações – nascem naturalmente desse vínculo.

Pensar esse compromisso ético como reparação, como responsabilidade histórica, revela luzes que já existem, forças que já estão ali, verdades que Angela carrega, mas que, na dureza cotidiana, às vezes se cansa de lembrar; é um movimento que devolve, com delicadeza, a grandeza que ela encarna. Nesse sentido, a extensão sentipensante é um olhar que legitima, uma escuta que acolhe, uma presença que sustenta, uma confiança que permite que ela mesma se veja forte – não só como guerreira, mas como mulher inteira.

Os caminhos de encruzilhada não se resolvem no ar – eles se decantam.

os deslimes da narração⁸

Esta narração é o terceiro artigo de uma sequência que vem como um rio...

⁸ Esta abertura da narração foi inspirada em Manoel de Barros (2016); no livro *O livro das ignoranças*, tem um capítulo que se chama “Os Deslimes da Palavra”.

Como um rio, que nasce
de outros, saber seguir
junto com outros sendo
e noutros se prolongando
e construir o encontro
com as águas grandes
do oceano sem fim.
(Thiago de Mello, 1981, n.p. *apud* Serra, 2016, n.p.)

No primeiro artigo, “narrativas de uma extensão sentipensante: quando caminhamos nessa deriva, acontece o amor”⁹ (tammela, 2024), falamos do caminhar à deriva, e que não caminhamos ao acaso, mas motivadas ao encontro, no rumo e no tempo determinado por quem caminha e pelo cotidiano de onde caminhamos... falamos que os encontros não acontecem por acontecer, eles acontecem como resultado de uma interação e, se essa interação é recorrente, somos afetadas e nos acontecem mudanças, e acontece a linguagem... que nos toca... e no toque, que pode ser sonoro, mas pode também ser físico – como em um abraço –, acontece o afeto, acontece o amor... e no amor, acontece o compromisso, acontece a confluência. No segundo artigo, “narrativas de uma extensão sentipensante: um canto ao caminhar, ao encontrar, ao dialogar...” (tammela, 2025)¹⁰, narramos que caminhar é abrir a gira, e cada passo convoca o *Axé* dos encontros, a energia vital que une o sentir ao pensar. Ao caminhar pelas ruas e servidões, a extensionista se deixa atravessar pela palavra, pelo olhar e pelo silêncio que também fala. Sabemos que os encontros não são casuais – eles emergem da troca viva com o território e, quando retornam, nos transformam. *Exu* risca os caminhos, *Oxum* embala a escuta, *Iemanjá* aprofunda o sentir, e assim a experiência se faz tecido. Cantamos o caminhar, o encontrar e o dialogar como movimentos que se entrelaçam à ancestralidade e à amorosidade que sustentam a prática extensionista. Cada encontro torna-se encruzilhada... cada afeto, uma pista... e cada gesto, um chamado ao compromisso. A extensão sentipensante floresce como terreiro vivo: espaço onde o saber popular e o saber acadêmico confluem, criando mundos possíveis e reinventando o presente. Nesse fluxo, a extensionista aprende e se reconhece parte da trama que transforma e é transformada.

Neste artigo, refletimos sobre a encruzilhada como experiência constitutiva da extensão sentipensante, tomando o Vale do Carangola/RJ como território vivo onde o compromisso se encarna no cotidiano. A partir dos movimentos de Angela – liderança comunitária –, narramos

⁹ O artigo está disponibilizado em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/74726>. Acesso em: 17 dez. 2025.

¹⁰ O artigo está disponibilizado em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/77586>. Acesso em: 17 dez. 2025.

uma justiça que não se anuncia em abstrato, mas se move nos gestos que cuidam do coletivo e enfrentam o descaso. A encruzilhada aparece como lugar de suspensão e escuta, onde o caminho não se resolve no ar, mas se decanta no tempo da experiência. Nesse movimento, construímos uma cartografia do encontro, tecida pelos afetos, pelos gestos miúdos e pelas relações que insistem em acontecer. Caminhar, aqui, é se deixar afetar – permitir que o território atravesse o corpo, desorganize certezas e convoque outras posturas. Entre impor e paralisar, habitamos a fresta ética na qual a presença se transforma em gesto e o cuidado em ação política. A extensão sentipensante se revela, assim, como travessia: um modo de estar ao lado, aprender com o território e sustentar alianças que honram a vida que resiste.

Ainda que este artigo seja o terceiro da série de três artigos, ele não encerra, não finaliza. Aprendemos com Nêgo Bispo sobre a circularidade – “Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim” (Santos, 2023, p. 102). O primeiro artigo é o começo, o segundo artigo é o meio e este, o começo de novo.

Aqui, também, tudo acontece nas ruas e servidões do Vale do Carangola/RJ¹¹, que um dia foi “Sertão do Carangola” e, antes ainda, foi “Saudades do Sertão” – um bairro de classes populares de Petrópolis/RJ, por onde caminhamos há um monte de tempo, no tempo de *Iroko*, um tempo espiralado que sempre retorna ao começo, trazendo consigo o repertório de experiências que nos acontecem e os afetos e significados que vamos tecendo, em um contínuo que atravessa a perenidade da vida – ÈRÒ!¹²

Aqui, o Vale do Carangola/RJ aparece como chave para compreender o território na extensão sentipensante – não se apresenta como espaço neutro, mas como um organismo vivo, no qual forças, histórias e afetos se movem e se renovam. Benjamin (2022, p. 214) nos lembra que a “experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorreram todos os narradores”, e é justamente essa circulação de experiências que dá densidade ao território-terreiro. Nele, saber e vida não se separam: cada gesto ressoa, cada voz deixa rastro, cada encontro cria mundo.

Pensar o território como terreiro é deslocar a lógica moderna que o reduz a mapa ou dado. O terreiro é espaço de criação política, de negociação de forças e de resistência aos apagamentos coloniais. Por isso, ao entrar em seu ritmo, a extensionista não ordena o território: ela se desarruma com ele, abandona certezas, expõe-se ao aprendizado que nasce da convivência e da escuta.

¹¹ Um pedaço da história do Vale do Carangola/RJ, além do Projeto de Extensão “Comunitária Vale do Carangola”, pode ser encontrado em tammela (2023; 2024; 2025).

¹² Saudação à Iroko.

O território-terreiro convoca outros modos de conhecer: modos que desestabilizam hierarquias, dissolvem fronteiras entre saberes e colocam o compromisso como gesto ético. Nesse chão, o conhecimento não é acumulado, mas partilhado; não é abstrato, mas corporificado; não é linear, mas gira e retorna como o tempo de *Iroko*. Assim, a extensão sentipensante se faz nesse entrelaçar de mundos – contemplativo e insurgente ao mesmo tempo –, em que o encontro produz transformação e o presente se reinventa em confluência com quem sustenta a vida ali.

Era tudo em comunhão
Com o um e tudo à solta
Era uma outra visão
Das coisas à nossa volta
[...]
Indo por entre, por dentro
Aprendendo a apreensão
De tudo bem dês do centro
Do fundo, do coração
[...]
E as coisas aquela vez
Eram qual foram e são
Só que tínhamos os pés
Um tanto fora do chão
(Chico César, 2002, n.p.)

A força vital dessa experiência está no território, no Vale do Carangola/RJ, que um dia foi “Sertão do Carangola” e, antes ainda, foi “Saudades do Sertão”. O Axé dessas narrativas está em todas as vozes e afetos que encontramos ao caminharmos em suas ruas e servidões. À essas vozes e esses corpos, pedimos licença para falar e agradecemos por tudo o que aprendemos.

Se a leitora ou o leitor vem caminhando conosco desde o primeiro artigo, está familiarizada e familiarizado com nosso jeito de falar sobre ciência. Mas, caso sua chegada aconteça deste terceiro artigo, convém uns avisos.

O narrador sou eu... professor, arte-educador, extensionista pesquisador sentipensante. Escolho fazer essa contação na primeira pessoa do singular, mas quando o que conto acontece no coletivo, conto na primeira pessoa do plural. Todo o texto é político e traz em seu contexto um posicionamento ideológico. Por isso, escolho fazer essa contação observando a questão de gênero cuidadosamente: quando me refiro a uma fala minha, utilizo o gênero masculino; quando falo no coletivo, utilizo o gênero feminino; quando me refiro às pessoas que encontramos no caminho, utilizo uma forma neutra, como “gentes”, ou utilizo a palavra nos gêneros feminino e masculino; e, quando trago alguma fala de poeta, artista, autora ou autor, mantenho o texto no original.

Para costurar essa narração, vem também uma companheira de trajetórias e de cuidado: professora, psicóloga – crítica dos formatos engessados, dos modos de pensar e de fazer cuidado –, extensionista pesquisadora sentipensante. Alguém que não apenas compartilha o caminho, mas a responsabilidade existencial e afetiva de estar no mundo com a outra e com o outro. Seguimos juntas, partilhando momentos, movimentos, ideias, desejos e inquietudes. Por vezes pensamos diferente, escolhemos ritmos distintos, mas é justamente quando os caminhos se dobram que nos encontramos nas encruzilhadas – esse lugar sagrado onde as diferenças não afastam, mas aproximam. É no entrelaço das presenças – humanas e encantadas – que a extensão se faz corpo.

Todos os títulos estão mesmo em minúsculo, assim como o nome deste autor e da autora – é uma “transgressão” inspirada em bell hooks.

Sobre o texto: sua estrutura, estética, estilo e as transgressões que assumo, permaneço confortável com a ideia de que nosso jeito de escrever o conhecimento é com paixão, e se aproxima do ensaio, pois pensando com Larrosa (2003), não riscamos uma escrita em um modo mecânico e padronizado. Nosso estilo de escrever, é o jeito como nos colocamos na vida.

O ensaísta prefere o caminho sinuoso, o que se adapta aos acidentes do terreno. Às vezes, o ensaio é também uma figura de desvio, de rodeio, de divagação ou de extravagância. Por isso, seu traçado se adapta ao humor do caminhante, à sua curiosidade, ao seu deixar-se levar pelo que lhe vem ao encontro. O ensaio é, também, sem dúvida, uma figura do caminho da exploração, do caminho que se abre ao tempo em que se caminha. Como nos versos de Antônio Machado: “caminhante não há caminho senão estrelas no mar. Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar”. Digamos que o ensaísta não sabe bem o que busca, o que quer, aonde vai. Descobre tudo isso à medida que anda. Por isso, o ensaísta é aquele que ensaia, para quem o caminho e o método são propriamente ensaio (Larrosa, 2003, p. 112).

cartografia do encontro

Foram me chamar
Eu estou aqui o que é que há
Foram me chamar
Eu estou aqui o que é que há
Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho
Mas, eu vim de lá pequenininho
Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho
(Dona Ivone Lara, 1981, n.p.)

Metodologia é o lugar onde o poder se exerce na pesquisa. É ali, antes mesmo dos resultados, que se decide quem fala, quem é ouvido, quem pergunta e quem apenas responde, quem nomeia e quem é nomeada. No coração da metodologia mora a escolha ética que pode reproduzir dominação ou abrir caminhos de partilha. Na sentipensante, essa chave se desloca: o poder não se organiza na altura, mas na lateralidade do encontro. Aqui, a metodologia não captura a outra para caber no método, ela se deixa reorganizar pela outra. O território não é fonte a ser extraída, é presença que negocia, que recusa, que ensina. E é justamente por reconhecer que toda metodologia é também uma disputa de mundo que a extensão sentipensante escolhe não governar o processo, mas caminhar com ele, fazendo do poder não instrumento de controle, mas de corresponsabilidade, escuta e criação compartilhada.

Se, como nos alerta Dussel (2005), a modernidade construiu seu projeto a partir da negação da outra, da sua voz, do seu corpo, do seu mundo, então a metodologia nasce também como engenharia de silenciamento. Ela organiza o saber a partir de um centro que se pretende universal, enquanto transforma territórios em periferia epistêmica e pessoas em objetos de estudo. Na extensão sentipensante, esse eixo se rompe, não porque o poder desaparece, mas porque ele é nomeado, tensionado e redistribuído no encontro. A colonialidade do saber se sustenta quando só um modo de conhecer é legitimado; a sentipensante a confronta quando reconhece que o conhecimento também nasce do chão, da dor, da oralidade, da reza, da luta, da memória. Aqui, a metodologia deixa de ser instrumento de apropriação e passa a ser gesto ético de ouvir, àquelas que, historicamente, foram transformadas em dados, números, estatísticas. Fazer sentipensante é, assim, um ato político, porque escolhe, no próprio modo de pesquisar e de se relacionar, ficar ao lado da vida que resiste à lógica da dominação.

Antes de ser regra, método, trilha marcada no chão, metodologia é um jeito de caminhar. É o modo como os pés escolhem o peso da terra, como os olhos aprendem a ver no escuro, como as mãos se entendem com o mundo antes mesmo de o pensamento nomear. Metodologia é menos um mapa e mais um ritmo; menos fórmula e mais pulsação. É o como vamos, não apenas para onde vamos. É o “entre” do passo e da pausa, do erro e do acerto, do tropeço e da descoberta.

Desse chão vivo, Orlando Fals Borda (2015) fez nascer a palavra “sentipensante”. Não como conceito frio, mas como gesto insurgente contra a separação entre razão e afeto. O sentipensar, em sua origem, brota das comunidades ribeirinhas, dos povos que sabem que pensar não mora só na cabeça, mas no peito, nas mãos, no corpo inteiro. Sentir e pensar, ali, não são opostos: são uma coisa só, água misturada à terra, conhecimento que nasce do viver.

Quando essa palavra atravessa os campos da extensão universitária, ela encontra outros terrenos, outros corpos, outras margens. Nesse atravessamento, nomeamos aquilo que passa a nos guiar: a extensão sentipensante. Não como técnica importada, mas como reconhecimento de que o território não é laboratório, é morada; que a comunidade não é objeto, é presença; que a universidade não vai ao encontro para ensinar, mas para se deixar ensinar e, principalmente, compartilhar.

Nossa metodologia extensionista, então, não cabe em manuais rígidos. Ela se constrói no caminhar, na escuta abundante, na roda que gira sem centro fixo, na palavra que circula sem dono. É feita de encontros, de afetos, de silêncios que dizem, de perguntas que não pedem resposta rápida. É sentipensante porque pensa com o corpo, sente com o pensamento, aprende com o tempo da outra.

Nos territórios por onde passamos, essa metodologia não chega anunciando verdades, chega pedindo licença. Não carrega receitas, bebe nas fontes do cuidado. Não promete soluções, oferece presença. Mais do que um modo de fazer extensão, ela se revela, pouco a pouco, como um modo de estar no mundo.

No modo sentipensante de caminhar, o método não se impõe. Ele acontece. Surge quando o território fala, quando a roda se abre, quando o silêncio pede respeito, quando a palavra pede tempo. Ele não responde a um protocolo, responde a uma presença. Não obedece à pressa, dança junto ao ritmo da vida que está diante de nós.

Nesse método, não se separa quem observa de quem é observada, porque ali ninguém está de fora. Quem chega também é atravessada. Quem pergunta também é perguntada. Quem cuida também aprende a ser cuidada. O método se faz na relação, e por isso ele muda, se dobra, se reinventa.

Às vezes, ele começa no café compartilhado. Outras vezes, no olhar que se reconhece. Em outros dias, no choro que escorre sem aviso, ou na gargalhada que rompe o cansaço. Não despreza esses acontecimentos miúdos, nele que mora o encontro.

Nos territórios extensionistas, o método não entra com a força da ordem, mas com a delicadeza da escuta. Ele caminha devagar porque sabe que o território tem memória, tem dor, tem história. Ele não toca sem pedir, não pergunta sem acolher, não propõe sem antes compreender.

Se a metodologia sentipensante é o espírito do caminhar, o método é o corpo em movimento. É ele que decide quando parar, quando avançar, quando esperar, quando silenciar.

Metodologia, então, é o jeito inteiro de caminhar, a visão de mundo que orienta o passo, o horizonte ético, político e sensível de onde escolhemos partir; método, por sua vez, é o modo como esse passo acontece no chão, o gesto concreto de cada dia, a forma como escutamos, nos

aproximamos, perguntamos, silenciemos e agimos. A metodologia é o espírito da travessia; o método é o corpo que a realiza. Uma desenha o rumo, o outro aprende o caminho no próprio andar.

E assim, com a extensão sentipensante, método não é ferramenta de controle. É tecnologia de cuidado. É vínculo. É ética em movimento. Ele não busca eficiência nos números, mas sentido nas relações. Ele não mede sucesso por metas, mas por permanências.

Por isso, nosso método não termina quando a ação acaba. Ele continua no depois, no retorno, na memória, no compromisso que segue pulsando mesmo quando já não estamos fisicamente no território. No sentipensante, o método não serve para chegar a um fim, mas para sustentar o meio, o entre, o durante.

Nesse entre, a extensão deixa de ser tarefa e se torna travessia.

caminhar assim é se deixar afetar pelo que insiste em acontecer

Mas de que travessia estamos falando?

Travessia vem de atravessar. E atravessar nunca é neutro: é sair de um lugar conhecido e se arriscar no “entre”. É aceitar que, no meio do caminho, algo em nós também atravessa, se move, se desarruma. Travessia é sempre passagem, como também transformação.

E se extensão sentipensante é travessia... o que estamos atravessando quando fazemos extensão? Atravessamos muros, alguns visíveis, outros invisíveis. Atravessamos a distância entre a universidade e o território, entre o saber que se escreve e o saber que se vive, entre a teoria que organiza e a vida que transborda. Atravessamos, também, nossas próprias certezas, nossos lugares de poder, nossas formas já prontas de ver o mundo.

Travessia é ponte.

E a ponte não existe apenas para ligar dois pontos, ela existe para tornar possível o encontro entre margens que, sem ela, permaneceriam distantes. Nesse sentido, a extensão pode, sim, ser compreendida como essa ponte viva entre a universidade e o território, entre os saberes técnicos e os saberes orgânicos, entre a ciência que mede e a vida que sente. Mas não uma ponte de concreto frio: uma ponte de gentes, de palavra, de escuta, de tempo partilhado.

E toda ponte que se respeita é de mão dupla.

Não se atravessa só num sentido. O território também atravessa a universidade. A comunidade também forma a estudante. O saber popular também refaz a teoria. A dor do outro também nos desloca. A luta do território também reorganiza nossas perguntas. Na extensão sentipensante,

ninguém sai como entrou, porque a travessia não conserva intacto aquilo que toca, pois nos comprometemos com as gentes com quem caminhamos. Nos expomos. Nos envolvemos.

Há travessias que são rápidas, quase imperceptíveis. Outras são longas, exigem fôlego, pedem pausa, pedem retorno. Há aquelas em que se perde o chão por instantes, como quem atravessa um rio sem ver bem a margem de chegada. Mas é exatamente nesse perder-se que algo se encontra: um novo modo de estar, um novo modo de cuidar, um novo modo de compreender a saúde, a vida, a outra.

Por isso, na extensão sentipensante, a travessia não é só deslocamento espacial, é travessia ética, política, afetiva e existencial. É atravessar com o corpo inteiro: com o saber, com a dúvida, com a escuta, com o cuidado, com o risco de ser afetada. Talvez, seja isso que a torne tão potente: ela não leva apenas a universidade ao território, mas permite que o território atravesse, por dentro, aquilo que chamamos de formação, de ciência, de cuidado.

Não podemos perder de vista que estamos falando de extensão universitária, e uma extensão comprometida também com a formação de nossas alunas e alunos. Isso implica em refletir o fazer extensionista como um chão ético de aprendizagem, porque formar não é só ensinar técnicas, protocolos e diagnósticos, é formar sensibilidades, escutas, responsabilidades. É ensinar a tocar sem ferir, a perguntar sem invadir, a cuidar sem dominar. Na travessia extensionista sentipensante, a ética é prática cotidiana: no modo de chegar ao território, no cuidado com a palavra, no respeito ao tempo da outra, na consciência de que toda ação em saúde atravessa vidas concretas, histórias feridas, existências em luta.

Formar em saúde, junto aos territórios, nos convoca à responsabilidade que não cabe apenas no crachá institucional. É uma responsabilidade que atravessa o corpo, que desloca certezas, que exige humildade. A estudante e o estudante que caminham nessa travessia aprendem que não existem respostas prontas para perguntas vivas, que cada visita é um encontro único, que cada escuta é um convite à entrega, que cada gesto carrega consequências. A formação, assim, deixa de ser treino para o mercado e passa a ser exercício ético de estar com a outra e o outro.

Recentemente, numa roda de conversa que reunia coordenadoras, professoras e estudantes, escutei um colega de trabalho, convidado em nossa instituição – também extensionista –, dizer algo que ecoa fundo nesta escrita: que a democratização da educação superior brasileira passa pela extensão, porque ela gera redes e amplia. Amplia saberes, amplia acessos, amplia vozes, amplia pertencimentos. A extensão, nesse sentido, não apenas leva a universidade para fora de seus muros, ela reorganiza a própria ideia de quem pode produzir conhecimento, de quem pode ensinar, de quem pode formar.

Não cuidamos apenas de corpos individuais, mas de relações, de vínculos, de territórios inteiros atravessados pela desigualdade, pelo racismo, pela fome, pela ausência de políticas, como também pela força das comunidades, pela solidariedade, pela criação de modos próprios de existir. A formação é sempre processo... um vir-a-ser que se desloca, se alarga, se refaz. Quando esse processo é atravessado pela extensão sentipensante, ele passa a carregar outra espessura, outra gravidade ética, porque, afinal, saber também é poder. Mas que poder estamos dispostos a exercer? O poder que subjuga, classifica e cala? Ou o poder que abre caminhos, que acende candeeiros, que compartilha ferramentas, que reconhece na outra um mundo inteiro? A extensão sentipensante nos convoca a esse segundo tipo de poder: não o poder que domina, mas o que liberta; não o que governa, mas o que coopera; não o que hierarquiza, mas o que equaliza. A responsabilidade formativa, então, se amplia: é preciso não reproduzir violências travestidas de técnica, não praticar curas que adoecem, não alimentar epistemologias que amputam histórias. É preciso lembrar, como nos sussurra Foucault (2014), que onde há saber há poder – mas, como nos ensina Dussel (1993), é possível construir um poder outro, um poder-com, um poder-ponte, que não separa cura de justiça, nem cuidado de dignidade.

Assim, na travessia entre universidade e território, vamos aprendendo que formar profissionais é também formar guardiões da vida em sua dimensão mais coletiva. A extensão, quando feita junto, quando feita em rede, quando feita com o coração exposto ao risco do encontro, não apenas forma, ela transforma.

desassossegos

Se a metodologia não nasce neutra, quem decide o ritmo do passo? O ritmo da gira?

Quem escolhe o chão que será pisado, o corpo que pode falar, o saber que será legitimado, o afeto que será partilhado?

Quantas dores permanecem invisíveis porque não cabem nos protocolos?

Quantos corpos seguem sendo atravessados por práticas que se dizem científicas, mas que silenciam histórias, territórios e modos outros de existir?

Quando afirmamos que metodologia é lugar de poder, precisamos perguntar: que bioética se sustenta quando o método não desce ao chão?

É possível falar em cuidado sem reconhecer as desigualdades históricas, raciais, territoriais e epistêmicas que atravessam os encontros?

Ou seguimos formando profissionais altamente técnicos, mas pouco implicados com a vida concreta que pulsa fora das salas de aula?

E de que território falamos quando falamos em território?

Apenas o que se desenha no mapa, ou também aquele que habita o corpo, a memória, o medo, o afeto e a experiência?

É nesse ponto que a extensão sentipensante deixa de ser alternativa pedagógica e se anuncia como escolha ética, como compromisso.

Mas até onde a universidade está disposta a sustentar práticas que não ocupam o centro, que não viram norma, que insistem nas margens?

Que universidade se revela quando práticas contra-hegemônicas permanecem vivas, mesmo sem se institucionalizar?

Essas perguntas não buscam respostas rápidas, são riscadas no tempo de *Iroko*, são circulares. Elas caminham.

Desestabilizam.

Incomodam.

Elas giram.

Talvez, as próximas narrativas, sejam sobre sustentar a pergunta: que ética orienta nossos modos de ensinar, pesquisar, fazer extensão e cuidar?

E que trilhas estamos dispostos a abrir – ou a desaprender – quando nos expomos junto ao território?

com quem dialogamos

BARROS, M. **O livro das ignoranças**. São Paulo: Alfaguara, 2016.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. (org.). **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura: obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 2022. p. 214.

BORDA, O. F. **Una sociología sentipensante para América Latina**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2015.

CÉSAR, C. Experiência. **Letras**, 2002. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-cesar/206022/>. Acesso em: 17 dez. 2025.

DUSSEL, E. **1492: o encobrimento do outro: a origem do “mito da modernidade”**. Petrópolis: Vozes, 1993.

DUSSEL, E. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 24-32.

ESCOBAR, M. Ad-mirar. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 26-28.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

LARA, D. I. Alguém me avisou. **Letras**, 1981. Disponível em:
<https://www.lettras.mus.br/dona-ivone-lara/45561/>. Acesso em: 18 dez. 2025.

LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 101 - 115, jul./dez. 2003. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25643>. Acesso em: 13 dez. 2025.

PRANDI, R. **Orixás**: os deuses que habitam em nós. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.

ROSA, J. G. **Grande sertão**: veredas. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.

SERRA, P. C. “Com um rio” de Thiago de Mello (de Mormaço na Floresta, 1984). **Siento Pasar el Tiempo**, 2016. Disponível em:
<https://sientopasareltiempo.blogspot.com/2016/01/com-um-rio-de-thiago-de-mello-de.html>. Acesso em: 17 dez. 2025.

tammela, r. Narrativas de uma extensão sentipensante: quando caminhamos nessa deriva, acontece o amor. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 23, n. 2, p. 4-18, 2024. DOI 10.14393/REE-2024-74726. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/74726>. Acesso em: 17 dez. 2025.

tammela, r. Narrativas de uma extensão sentipensante: um canto ao caminhar, ao encontrar, ao dialogar... **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 24, n. 1, p. 1-24, 2025. DOI 10.14393/REE-2025-77586. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/77586>. Acesso em: 17 dez. 2025.

tammela, r. Trama de uma extensão sentipensante. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, n. Edição Especial, p. 69-94, out. 2023. DOI 10.14393/REP-2023-68952. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/68952>. Acesso em: 17 dez. 2025.